

1

Minha história

Tomás de Aquino, filósofo do século XII, escreve: “Dentro de cada alma há uma sede de felicidade e significado”. Comecei a sentir essa sede quando adolescente. Eu queria ser feliz. Desejava que minha vida tivesse significado. Fui tomado pelas três perguntas básicas que assombram toda vida humana: quem sou eu? Por que estou aqui? Para onde vou? Eu queria respostas e, como jovem estudante, comecei a buscá-las.

Onde cresci, todo mundo parecia ser religioso, e achei que talvez encontrasse respostas sendo religioso. Entrei de cabeça na igreja. Estava lá toda vez que a igreja abria as portas – de manhã, de tarde ou de noite. Mas devo ter escolhido a igreja errada, porque me sentia pior dentro do que fora do templo. Criado em uma fazenda em Michigan, eu herdara uma praticidade rural que aconselha: se alguma coisa não der certo, devo deixá-la de lado. Assim, descartei a religião.

Pensei, então, que a resposta para minha busca por significado deveria estar na cultura e na educação, e matriculei-me em uma universidade. Logo me tornei o estudante mais desprezado pelos professores. Eu os interrompia em seus escritórios e os

atormentava, pedindo respostas às minhas perguntas. Quando viam que eu estava chegando, eles apagavam as luzes, fechavam as venezianas e trancavam a porta. Pode-se aprender muita coisa na universidade, mas eu não encontrava as respostas que procurava. O corpo docente e meus colegas estudantes tinham tantos problemas, frustrações e questionamentos quanto eu.

Certo dia, vi no *campus* um estudante vestindo uma camiseta com os dizeres: “Não me siga – estou perdido”. Era isso o que eu sentia com relação a todos na universidade. Concluí que a educação não era a resposta.

O que você pensa?

Você concorda com o filósofo Tomás de Aquino de que “dentro de cada alma há uma sede de felicidade e significado”?

Comecei a pensar que poderia encontrar felicidade e significado no prestígio e na fama. Escolheria uma nobre causa a defender e, no processo, passaria a ser conhecido pelo *campus*. As pessoas de maior prestígio na universidade eram os

líderes estudantis, que controlavam também as finanças. Consegui ser eleito para diversas posições discentes. Conhecer todo mundo na universidade era uma experiência inebriante – tomar decisões importantes, empregar o dinheiro da universidade para convidar os palestrantes que eu queria ouvir, e gastar o dinheiro dos alunos dando as festas que eu queria aproveitar.

Mas a emoção do prestígio se desgastou, assim como tudo o que eu experimentara. Eu acordava na segunda-feira geralmente com enxaqueca por causa da noite anterior e apavorado por ter de enfrentar mais cinco dias miseráveis. Suportava de segunda a sexta-feira, vivendo à espera das noites de balada de sexta, sábado e domingo. Então, na segunda seguinte, o ciclo de insignificância recomeçava.

Eu não queria demonstrar aos outros que minha vida não tinha significado. Era muito orgulhoso. Todo mundo achava que eu era a pessoa mais feliz do *campus*. Jamais suspeitavam que minha vida fosse uma fraude. Tudo dependia das circunstâncias. Se as coisas iam bem para mim, eu me sentia bem. Quando as coisas iam mal, eu me sentia enojado. Só não deixava que os outros percebessem.

Eu era como um barco jogado pelas ondas do mar, para lá e para cá. Não tinha um leme – não havia direção ou controle. Mas eu não conhecia outro modo de viver. Não encontrava quem me dissesse que eu poderia viver de outra maneira. Eu estava frustrado. Não – era ainda pior. Existe um termo mais forte para descrever minha vida: era um verdadeiro inferno.

Naquele tempo, observei um pequeno grupo – oito estudantes e dois professores – que parecia diferente dos outros. Eles sabiam quem eram e para onde iam. Tinham fortes convicções. Era animador encontrar pessoas com convicções fortes e eu gostava de estar junto delas. Admiro pessoas que creem em algo e se posicionam quanto a isso, ainda que eu não concorde com suas crenças.

Era evidente que aquelas pessoas possuíam algo que eu não tinha. Eram tremendamente felizes. A felicidade delas não aumentava ou diminuía ao sabor das circunstâncias da vida universitária – era constante. Elas pareciam ter uma fonte interior de alegria e eu me perguntava de onde isso poderia vir.

Todo mundo achava que eu era a pessoa mais feliz do **campus**. Mas a minha vida era um verdadeiro inferno.

O que você pensa?

Você gosta de estar perto de pessoas que têm convicções fortes? O que torna isso uma experiência empolgante ou uma experiência frustrante?

Outra característica dessas pessoas me chamava a atenção – suas atitudes e ações para com os outros. Elas amavam uns aos outros com autenticidade – não apenas aqueles que faziam

– Cristianismo, que nada! – falei presunçoso.

– Isso é para fracotes ignorantes, não para intelectuais!

parte de seu grupo, mas também as pessoas de fora do círculo. Não só falavam de amor; envolviam-se na vida das pessoas, ajudando-as em seus problemas e necessidades. Tudo isso era estranho para mim, mas me atraía muito.

Como acontece com a maioria das pessoas, quando vejo algo que não tenho e quero muito, começo a buscar um modo de obtê-lo. Resolvi ficar amigo daquelas pessoas intrigantes.

O cristianismo não é uma religião. Religião é seres humanos tentando alcançar a Deus por meio de boas obras. Cristianismo é Deus vindo aos homens e mulheres por meio de Jesus Cristo.

Umás duas semanas mais tarde, eu estava sentado na sala da união estudantil conversando com um dos membros desse grupo; a conversa passou a girar sobre o assunto “Deus”. Eu estava bastante cético e inseguro quanto a esse tema, e me protegi atrás de uma fachada bem grande. Virei-me em minha cadeira, agindo como se não desse a mínima: –

Cristianismo, que nada! – falei presunçoso. – Isso é para fracotes ignorantes, não para intelectuais!

É claro que, debaixo dessa minha fanfarrice, eu queria o que aquelas pessoas tinham, mas meu orgulho não as deixava saber a dor urgente da minha necessidade. O assunto me incomodava, mas eu não podia ceder. Voltei-me para uma das estudantes, uma

bela jovem (eu achava que todos os cristãos eram feios), e a desafiei: – Diga-me uma coisa: Por que você é tão diferente dos outros alunos e professores dessa faculdade? O que mudou a sua vida?

Sem embaraço ou hesitação, ela olhou nos meus olhos e com

toda seriedade disse duas palavras que eu nunca esperara ouvir numa discussão inteligente na universidade: – Jesus Cristo.

Dei um pulo. – Jesus Cristo?! Pelo amor de Deus, não me venha com essa baboseira! Estou farto de religião. Cansei de igreja. Não quero mais saber da Bíblia.

Imediatamente, a jovem retrucou: – Eu não disse *religião*, eu disse Jesus Cristo!

Ela ressaltou algo que eu nunca havia considerado: o cristianismo não é uma religião. Religião é seres humanos tentando alcançar a Deus por meio de boas obras. Cristianismo é Deus vindo aos homens e mulheres por meio de Jesus Cristo.

Eu não aceitava isso, nem por um minuto. Espantado pela coragem e convicção da jovem, pedi desculpas por minha atitude e completei: – Mas estou cansado de religião e de gente religiosa. Não quero nada com isso.

Então meus novos amigos me propuseram um desafio inacreditável. Eles me desafiaram a fazer

um rigoroso exame intelectual do que Jesus Cristo afirmava – que ele é Filho de Deus, habitou um corpo humano e viveu entre gente de verdade; morreu em uma cruz pelos pecados da

O que você pensa?

Como você define religião?

Se eu pudesse demonstrar que a Bíblia não era historicamente confiável, provaria que o cristianismo era uma fantasia ilusória inventada por alguns sonhadores religiosos.

humanidade, foi sepultado e ressurgiu três dias depois; e vive e ainda hoje pode transformar a vida das pessoas.

Pensei que fosse uma piada. Qualquer pessoa que pensa um pouco sabe que o cristianismo está baseado em um mito. Eu achava que só um idiota poderia acreditar que Cristo ressus-

Encontrei evidências. Evidências abundantes, nas quais jamais acreditaria se não as tivesse visto com meus próprios olhos. Finalmente, só pude chegar a uma única conclusão: para permanecer intelectualmente honesto, deveria admitir que os documentos do Antigo e do Novo Testamento estavam entre os mais confiáveis escritos da Antiguidade.

citou. Eu ficava esperando que os cristãos abrissem a boca na sala de aula para que eu pudesse desmascará-los. Achava, que se um cristão tivesse um único neurônio, este morreria de solidão.

Aceitei o desafio. Mais por rancor, a fim de provar quanto eles estavam errados. Estava convencido de que o cristianismo sucumbiria às evidências. Eu cursava direito e sabia alguma coisa a respeito de evidências. Investigaria a fundo as alegações do cristianismo e derrubaria as escoras que sustentavam sua religião de logro.

Comecei pela Bíblia. Sabia que, se conseguisse descobrir evidências indisputáveis de que o relato bíbli-

co não era confiável, todo o cristianismo desmoronaria. Claro, os cristãos podiam mostrar que o seu livro afirmava ter Cristo nascido de uma virgem, realizado milagres e ressuscitado dos mortos. Mas o que adiantaria? Se eu pudesse demonstrar que a Bíblia não era historicamente confiável, provaria que o cristianismo era uma fantasia ilusória inventada por alguns sonhadores religiosos.

Levei a sério o desafio. Passei meses pesquisando. Até tranquei a matrícula na faculdade para estudar por um período nas ricas bibliotecas históricas da Europa. E encontrei evidências. Evidências abundantes, nas quais jamais acreditaria se não as tivesse visto com os meus próprios olhos. Finalmente, só pude chegar a uma única conclusão: para permanecer intelectualmente honesto, deveria admitir que os documentos do Antigo e do Novo Testamento estavam entre os mais

O que você pensa?

Se Deus se fez homem, qual a melhor maneira de ele se comunicar com a sua criação?

confiáveis escritos da Antiguidade. Se eram confiáveis, o que dizer de Jesus, que eu descartara como sendo um mero carpinteiro, de uma cidade isolada, em um minúsculo país oprimido; um homem que fora acusado por sua própria visão de grandeza?

Eu precisava admitir que Jesus Cristo era *mais* que um carpinteiro. Era tudo aquilo que dizia ser.

Minha pesquisa não apenas me fez dar meia-volta intelectualmente, como respondeu às três perguntas que deflagraram a minha procura por felicidade e significado. Mas, como diz Paul Harvey, esse é o “resto da história”, que eu lhes contarei no final deste livro. Primeiro, quero compartilhar o cerne do que aprendi naqueles meses de pesquisa, para que você também possa ver que o cristianismo não é um mito, nem fantasia ilusória de alguns sonhadores religiosos, nem um embuste forjado sobre mentes simplórias. É uma verdade, sólida como a rocha firme. E garanto que, quando você reconhecer por si mesmo essa verdade, estará no limiar de encontrar as respostas a essas três perguntas: quem eu sou? Qual o meu propósito? Qual o meu destino?